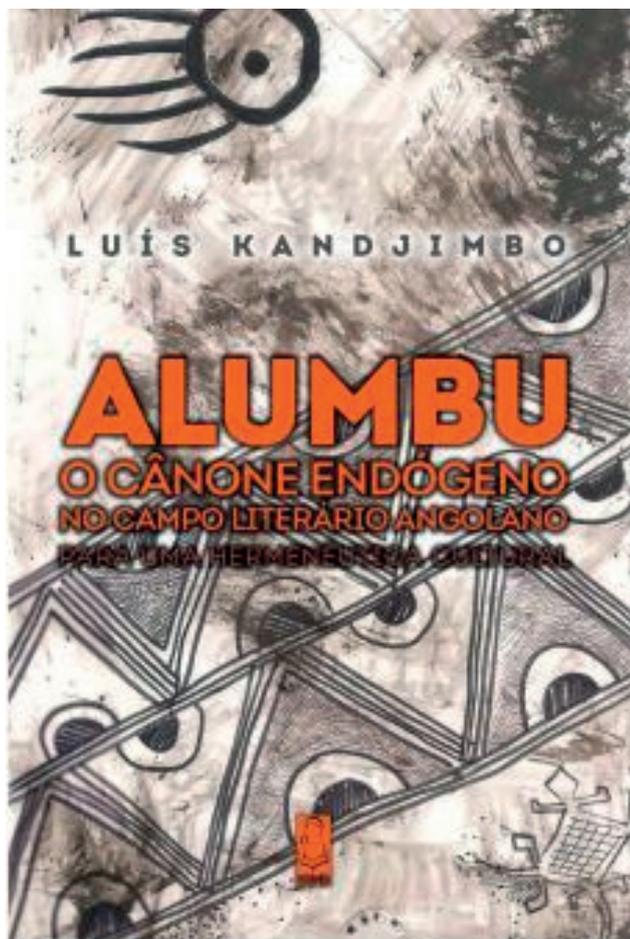


**Kandjimbo, L. (2019). *Alumbu.*
O cânone endógeno no campo literário angolano.
Para uma hermenêutica cultural. Mayamba. Luanda: 194 pp.**

ERMELINDA LIBERATO¹



Luís Kandjimbo, homem de literatura, da cultura, da pesquisa, da produção do conhecimento e do saber, com diversas publicações e pesquisas, bem como com presença em eventos científicos e culturais, tanto em Angola como no exterior, traz a público a sua mais recente obra, que vem complementar e enriquecer tudo aquilo que o mesmo vem publicando e defendendo ao longo dos anos.

Pelo título, partimos do princípio de que Kandjimbo nos irá brindar com um debate teórico com a temática em causa: a literatura angolana. No entanto, esse pressuposto logo se desvanece, no prefácio, quando o autor deixa bem claro que se trata de uma «coletânea de textos» (p. 11) apresentados em diferentes

¹ Universidade Agostinho Neto. RCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9857-4269>.

eventos dentro e fora da academia. Sem qualquer pretensão hegemónica, o autor apresenta os seus argumentos em defesa da constituição de um cânone endógeno no campo literário angolano cuja tónica é dada à «dimensão sociocultural» (p. 18) e que, como tal, reflita as «dinâmicas endógenas das diferentes culturas étnicas de fundamento linguístico bantu, não bantu e outras em presença» (p. 18). Entre o conjunto de importantes contributos deste livro, gostaríamos de destacar: a) a defesa do cânone endógeno; b) o debate entre as correntes da criouldade vs. angolanidade; c) a problemática do ensino da literatura em Angola; e d) a proposta de um curso de literatura angolana.

Ao defender a constituição do cânone endógeno angolano, Kandjimbo faz questão de se distanciar de Harold Bloom (*O cânone ocidental*) e do cânone negro africano ou bantu, apresentando, para o efeito, a sua proposta para a «apologia de um outro cânone para a literatura angolana e para as literaturas africanas em geral» (p. 38) que tenha sobretudo uma função de reprodução (cultural) e que se constitua como a «verdadeira arte da memória» (p. 68). Nesta senda, o debate entre as correntes da criouldade, forma eurocêntrica de compreender o mundo angolano e a angolanidade, conceito aberto marcado pela universalidade, assume papel de destaque, pois é em torno destes que o autor justifica a constituição de um cânone endógeno, bem como apresenta propostas que vão ao en-

contro daquilo que o próprio entende ser o correto e o justo. Assim, ao discordar da teoria da criouldade, proposta por Mário António Fernandes de Oliveira e mais recentemente defendida por Carlos Venâncio e Eduardo Agualusa, assente no «mito do mestiço» (p. 117), o autor defende o «conceito unitário de angolanidade» (p. 128), apresentado por Fernando Costa Andrade, assente no diálogo e no pluralismo cultural como o caminho a trilhar para uma «descolonização epistemológica» (p. 27), cultural e dos saberes.

O autor levanta a problemática do ensino da literatura angolana, que, segundo ele, é caracterizado por a) a ausência de estudos literários, ou seja, de produção de conhecimento; b) a prevalência de um sistema educativo «em que a cultura ocidental é ainda o juiz e o critério de valor» (p. 41), ou seja, sem problemáticas originais; c) um «ambiente de rara circulação de ideias, com quase absoluta ausência de debate e diálogo» (p. 41); d) a «ausência de políticas educativas e culturais» (p. 19); e) é assente apenas no ensino da língua portuguesa, «disciplina isolada e ministrada sem instrumentos sistematizados» (p. 65). Esse cenário constrangedor leva o autor a apresentar uma proposta de «tópicos para um curso ideal de literatura angolana» (pp. 57-60), que vá ao encontro daquilo que é a sua essência, alertando igualmente para a necessidade de comunicação entre currículo, políticas educativas e políticas culturais. Porém, não informa em que circunstâncias o mesmo decorreria,

ou seja, a que público estaria dirigido, pois o «conhecimento sólido da história deste país» (p. 19) apresenta-se como um imperativo. No entanto, alerta-nos para o facto de essa proposta ter como base a periodização da história da literatura à luz das gerações literárias, e não de movimentos literários.

Apesar de o autor esclarecer no prefácio que «as preocupações com o rigor académico são subalternizadas» (p. 11), o facto é que a obra está assente no pressuposto do rigor científico, a discussão teórica está alicerçada em bibliografia especializada devidamente identificada, assim como utiliza uma linguagem formal. No entanto, sentimos falta de um enquadramento histórico, cultural, social e científico que torne a sua leitura compreensível, ou seja, se o leitor não estiver familiarizado com as temáticas apresentadas, não consegue perceber

a obra. Esse diálogo entre a Literatura, a Crítica Literária e as Ciências Sociais vem, uma vez mais, dar suporte à ideia da importância da Literatura como fonte de informação para as Ciências Sociais, assim como um dos melhores mecanismos para nos ajudar a compreender a sociedade em que nos movemos e o mundo em que vivemos. Através da literatura, viajamos no tempo, somos transplantados para outros lugares sem nos movermos fisicamente, aprendemos novas coisas, fazemos uso da nossa própria imaginação, inspiramo-nos para fazermos mais e melhor, tiramos lições importantes para o nosso quotidiano, permitindo-nos, de igual modo, um maior contacto e diálogo com o social. Na ausência ou fraca presença de autores que defendam o estudo da literatura angolana, a obra vem ajudar a preencher uma grande lacuna.